

ARQUIFOLHA

JORNAL TRIMESTRAL COM NOTÍCIAS DO PASSADO



EDITORIAL

O ARQUIFOLHA, neste número, continua associado às comemorações do Centenário do Nascimento do escritor Manuel da Fonseca, analisando factos e acontecimentos ocorridos na vila e no concelho de Santiago do Cacém entre os anos de 1943, data da publicação do romance “*Cerromaior*”, e 1974, o ano da queda da mais longa ditadura europeia do século XX.

Estes anos correspondem à consagração de Manuel da Fonseca como escritor que, a par da edição da maior parte da sua obra literária, também viu serem publicados vários artigos, críticas, entrevistas e, inclusive, a adaptação cinematográfica de algumas obras. Iniciamos pois este ARQUIFOLHA com o excerto de um artigo, publicado em 1961, sobre a obra de Manuel da Fonseca e a sua relação, sempre presente, com Santiago do Cacém.

A nível político destacamos as contradições do Governo do País durante o final do conflito mundial, e a queda do Império Colonial Português. Analisando sempre o impacto destes acontecimentos na comunidade local. Finalmente, a revolução de 1974 e com ela o termo deste longo ciclo da História Nacional e Local.

Nestes 30 anos ocorreram várias inaugurações de monumentos e edifícios públicos no concelho, de entre as quais salientamos o Chafariz do largo principal de Ermidas-Sado, a Barragem de Campilhas, a Casa do Povo de Santiago do Cacém e o edifício do tribunal.

Nesta época foi criada uma nova freguesia no concelho – Ermidas-Sado, e a Câmara Municipal, demonstrou, pela primeira vez, preocupações patrimoniais com os moinhos de vento.

Terminamos com uma referência ao sismo de 28 de Fevereiro de 1969, cujos efeitos se fizeram sentir um pouco por todo o concelho.

Santiago do Cacém na obra de Manuel da Fonseca

“Na Rua Camilo Castelo Branco, essa que vai dar ao largo, agora numa modorra doirada de Setembro, corre «o luar pela rua fora» no «Quarto Poema de Infância» de Manuel da Fonseca. Porque Manuel é poeta antes mesmo de romancista, cronológica e visceralmente. Poeta como se respira. «Poetinha», no seu dizer, da vida dos outros, das sebes floridas de Maio, das campaniças como a Maria Altinho, pobre de pão e de amor, como a Maria Campaniça, que torce o xaille nos dedos «de mágoa e abandono», poeta do Maltês de «Em Cerromaior nasci».

O Estroina, seu protector de lágrimas e navalha fáceis, coração ao pé da boca, era o sapateiro que morava em frente da casa de Manuel menino. Maria, a Mal Afagada, criada dessa mesma casa; o Tóino, António Elias, seu amigo, valente como os das antigas gestas...

O António Vargas, herói de «O Ódio das Vilas», pode identificar-se, com tal ou qual arranjo de eventos verídicos, com um amigo do escritor, hoje internado numa casa de saúde.”

Excerto de: *Santiago de Cacém, e a Obra de Manuel da Fonseca*. **Jornal de Letras e Artes**. Dir. Azevedo Martins. Lisboa: Editora Lux, Lda. (4-10-1961) p. 9.



Manuel da Fonseca aponta Santiago de Cacém, cenário de boa parte da sua obra de ficcionista

Manuel da Fonseca, acompanhado por um repórter. **Jornal de Letras e Artes**. Azevedo Martins (dir.). Lisboa: Editora Lux, Ld.ª, 1961.

POLITICA

PROPAGANDA COLONIAL

No dia 24 de Março de 1943, o Governo Civil oficiou a Câmara Municipal, recomendando-lhe que organizasse "*Sessões de propaganda colonial e exaltação patriótica dos feitos dos nossos maiores*". As

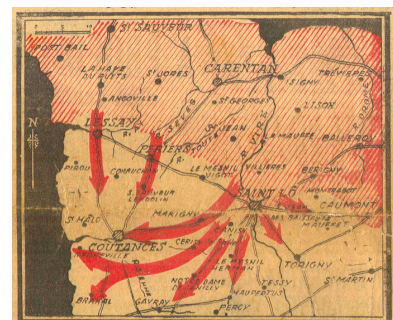
referidas sessões deveriam decorrer na "*Semana das Colónias*" (de 4 a 11 de Abril) organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

FINAL DA GUERRA MUNDIAL

No dia 4 de Maio de 1945, a Câmara Municipal recebeu um telegrama do Governo Civil informando que, em virtude do suicídio de Adolfo Hitler (ocorrido a 30 de Abril), o Governo decretara três dias de Luto Nacional. Quatro dias depois, novo telegrama informava oficialmente que a Guerra Mundial terminara, devendo a Bandeira Nacional ser hasteada no topo dos mastros durante dois dias.

O final da grande guerra seria ainda celebrado em Portugal com uma manifestação, supostamente espontânea de agradecimento a António de

Oliveira Salazar por ter livrado o país do conflito, e que surgia como resposta às manifestações pró - democracia de 8 de Maio em Lisboa. Às autoridades santiagoenses foi solicitada a preparação de uma grande delegação a participar na referida homenagem ocorrida a 19 de Maio.



A situação militar no sector americano da frente da Normandia. As setas a vermelho indicam os avanços efectuados na última ofensiva e mostram a posição da Gouttaux, que antes foi ocupada.

Mapa da situação militar depois do desembarque aliado na Normandia. **Jornal de Notícias**. Augusto Castro (dir.). Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1944.

OS HERÓIS DO DADRÁ

No dia de 22 de Julho de 1954, o Governo da União Indiana resolveu invadir o enclave de Dadrá, pertencente ao Distrito de Damão, depois de goradas as várias tentativas diplomáticas para entrega das cidades e enclaves portugueses ainda existentes na Índia. Durante a invasão morreram alguns polícias das forças de segurança portuguesas, entre os quais o subchefe Aniceto Francisco do Rosário e o guarda António Joaquim Francisco Fernandes, declarados imediatamente heróis nacionais.

Indignada com o acontecimento, a CM deliberou, no dia 23 de Julho, apresentar um voto de protesto contra a União Indiana e manifestar o seu apoio ao ministro do interior. Esta indignação haveria ainda de ser demonstrada no dia 30 daquele mesmo mês, através de uma grande manifestação “*contra as agressões da União Indiana à Índia Portuguesa*”, que terminou frente aos Paços do Concelho, onde

estava reunida a Câmara, com um discurso patriótico proferido pelo Dr. Reinaldo Avelar Soares, medico no Cercal, a partir da varanda nobre do edifício municipal. E, pela atribuição a uma das ruas da Courela da Feira, do nome Rua dos Heróis de Dadrá para que “... *as gerações vindouras fixem mais um exemplo de lealdade e heroísmo dos Portugueses ao nosso Portugal Eterno!*” No entanto, segundo o professor Manuel João da Silva¹, em 1967, seis anos depois da invasão de Goa e do fim da Índia Portuguesa, já o referido arruamento tinha o nome actual: Travessa do Mercado.



O primeiro insulto em 456 anos !

Caricatura representativa do conflito indiano - português no enclave de Dadrá. *Diário de Lisboa*. Joaquim Manso (dir.). Lisboa: Renascença Gráfica, 1954.

¹ Manuel João da Silva – *Toponímia das Ruas de Santiago do Cacém*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal, 1992, p. 170.

INÍCIO DA GUERRA COLONIAL

No dia 10 de Fevereiro de 1961, sete dias após os acontecimentos de Luanda (ataques à Casa de Reclusão, quartel da PSP e Emissora Oficial de Angola), que marcaram o início da guerra contra o domínio colonial português em África, a Câmara Municipal deliberou enviar um telegrama ao ministro do

Interior, no qual manifestava ter “... *inteira confiança na acção patriótica do Sr. Presidente do Concelho [1.º ministro] e profunda admiração pelo esforço de todos aqueles que contribuíram e contribuem para a defesa dos superiores interesses da Nação, ameaçados [pelo] comunismo internacional*”.



Soldados a bordo do navio Vera – Cruz (fotografo desconhecido, 1971, PT/CMSC/AL/AMSC).
Imagem cedida ao AMSC por José Francisco Sobral

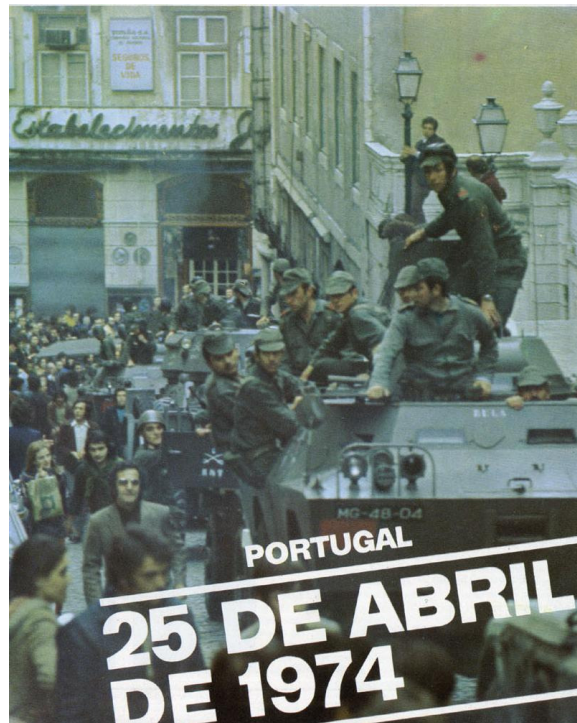
MANUEL DA FONSECA

O 25 DE ABRIL

Apesar de ter reunido no dia 26 de Abril de 1974, só no dia 30 daquele mês a CM proclamou o seu completo apoio ao Movimento das Forças Armadas e declarou associar-se a todas as vozes que aclamavam a revolução triunfante e o restabelecimento das liberdades “... *que o Povo Português tem mostrado merecer.*” Argumentando em sua defesa que “... *os componentes desta Câmara sempre se nortearam na defesa intransigente dos superiores*

interesses de todo o concelho “. Não obstante, e face à circulação de panfletos anónimos sobre alegadas irregularidades, decidiu em Maio pôr o seu lugar à disposição das novas autoridades.

Os membros da Câmara Municipal continuariam em funções, a pedido da Comissão Democrática da Freguesia de Santiago do Cacém, eleita a 24 de Maio em assembleia popular, até à eleição da Comissão Administrativa do Município.



A Revolução nas Ruas. *Vida Mundial*. Manuel Figueira (dir.). Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1974.

OBRAS PUBLICAS

INAUGURAÇÃO DO CHAFARIZ DE ERMIDAS-SADO

No dia 29 de Julho de 1943 a Câmara Municipal oficiou o Cabo - chefe em Ermidas-Sado, ordenando-lhe que providenciasse no sentido de por cobro aos actos de vandalismo, praticados por alguns rapazes, nas obras de construção do chafariz. Este chafariz, construído no centro do maior largo da localidade, era a peça mais importante da obra de abastecimento de água à povoação, e foi inaugurado no dia 31 de Outubro do mesmo ano, pelo Governador Civil de Setúbal e com a assistência dos membros da Câmara Municipal, da Junta de Freguesia de Alvalade e da povoação de Ermidas-Sado.



Pormenor do Chafariz de Ermidas-Sado, painel decorativo "Art Déco" (fotografia: Paulo Chaves, 2007, CMSC).

INAUGURAÇÃO DA BARRAGEM DE CAMPILHAS

No dia 23 de Julho de 1954, a Câmara Municipal deliberou apresentar ao seu presidente um voto de congratulações pela forma como este recebera o Presidente da Republica, general Craveiro Lopes, o ministro das Obras Publicas, engenheiro Arantes e Oliveira, e demais altas individualidades que se deslocaram ao concelho para a inauguração da Barragem de Campilhas, ocorrida no dia 18 desse mês. Na mesma Reunião de Câmara, o presidente anunciou que recebera um telegrama do Governo Civil, agradecendo igualmente o bom acolhimento dispensado a tão altas figuras do Estado.

Para a recepção do Presidente, ministro e comitivas, Santiago do Cacém e o Cercal engalanaram-se, com colchas nas janelas, bandas filarmónicas a tocar e uma perfusão de dísticos com frases muito apreciadas pelo Estado Novo. Depois de transposto o arco triunfal constituído por girassóis, na estrada privativa da barragem, a cerimónia começou com a inauguração do obelisco da

barragem, decorado com uma frase de Salazar alusiva ao Plano de Rega do Alentejo, antes de se proceder à inauguração da própria albufeira.

A Barragem de Campilhas foi a primeira obra construída ao abrigo do Plano de Fomento de 1952 e também a primeira do ambicioso Plano de Rega do Alentejo, que se haveria de estender por várias décadas, com o auxilio de novos planos de fomento, até quase aos nossos dias, com a conclusão da Barragem do Alqueva.



Vista parcial do obelisco junto à Barragem de Campilhas (fotografia: José Matias, 2007, CMSC).

INAUGURAÇÃO DA CASA DO POVO DE SANTIAGO DO CACÉM

No dia 29 de Setembro de 1961, o presidente informou a Câmara que no dia 8 de Outubro o ministro das Corporações iria visitar Santiago do Cacém, para presidir à abertura da

“Exposição Itinerante das Obras Públicas no Alentejo” e, simultaneamente, inaugurar o edifício da Casa do Povo. A Câmara deliberou oferecer um

jantar ao ministro e à sua comitiva.



Vista geral do edifício da Casa do Povo de Santiago do Cacém (fotografia: José Matias, S.d., CMSC).

INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO DA JUSTIÇA DE SANTIAGO DO CACÉM

Na reunião de Câmara do dia 2 de Agosto de 1968, o presidente da edilidade, Dr. João Pedro Sabido Falcão, propôs que ficasse registada em acta uma curta memória da cerimónia da inauguração do Palácio da Justiça, presidida pelo ministro da Justiça. Nesta memória, deu especial ênfase ao discurso proferido pelo director geral da Justiça que, para além de tecer rasgados elogios à actuação da Câmara Municipal de Santiago

do Cacém no domínio das obras públicas, explicou a importância das duas obras de arte aplicadas no edifício: o conjunto escultórico da fachada e o fresco que domina a sala de audiências.



Vista geral do edifício Tribunal de Santiago do Cacém (fotografia: José Matias, S.d., CMSC).

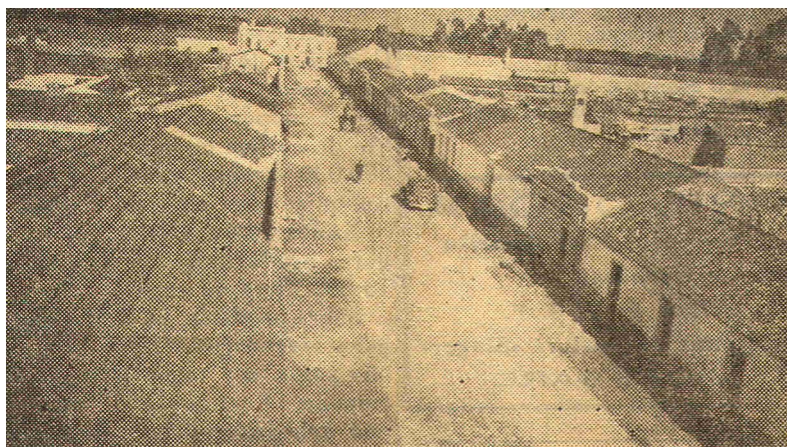
SOCIEDADE

CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE ERMIDAS-SADO

Na reunião de Câmara de 8 de Maio de 1953, o presidente informou a vereação acerca da recém criada freguesia de Ermidas – Sado (Decreto-lei n.º 39.186/53 de 24 de Abril) e dos festejos populares ocorridos na sede da referida freguesia, demonstrativos da alegria do povo ao ver “... *satisfeita uma antiga aspiração daquela*

progressiva povoação do nosso concelho.”

A criação da freguesia dependia do aval do bispo de Beja que, como condicionante, exigia a existência de uma Igreja Paroquial, já referida no preâmbulo do Decreto-lei mas que, de facto, não passava ainda de uma promessa, só vindo a ser construída três anos depois.



Rua principal de Ermidas-Sado, em construção. Actual Avenida Manuel Joaquim Pereira. **Jornal Gazeta do Sul**, 1939.

PROPOSTA DE AQUISIÇÃO DE UM MOINHO DE VENTO

No dia 15 de Novembro de 1968, o presidente da Câmara propôs à vereação a aquisição de um moinho de vento localizado nas Cumeadas, pertencente a Palmira dos Anjos Ilhéu. Pretendia-se, com esta aquisição, obstar ao desaparecimento dos moinhos,

votados ao abandono, principalmente os dos “*subúrbios desta vila*”, e simultaneamente chamar a atenção para as potencialidades turísticas dos mesmos. A Câmara deliberou delegar no presidente os poderes necessários para levar a efeito a referida aquisição.



Moinhos das Cumeadas nos anos 50 do século XX (Fotografo desconhecido, anos 50, CMSC).

SISMO DE 1969

Na reunião de Câmara de 31 de Março de 1969, o Dr. João Pedro Sabido Falcão fez o balanço dos prejuízos causados pelo sismo de 28 de Fevereiro

desse mesmo ano. Segundo o presidente, os maiores danos verificaram-se nas freguesias de Santo André, S. Domingos e Ermidas-Sado.

NOITE DE PÂNICO
O PAÍS FOI SACUDIDO DE MADRUGADA
POR FORTE SISMO (7,3 da escala de Richter)

Cabeçalho na primeira página do *Diário de Lisboa*. A. Ruela Ramos (dir.), Lisboa: Renascença Gráfica, 1969.

GLOSSÁRIO

Art déco – Estilo decorativo nascido na 2.^a década do séc.xx, em França.

Enclave – Território cujas fronteiras geográficas ficam inteiramente dentro dos limites de outro território.

Engalanar – Embelezar; enfeitar.

Estroina – Pessoa amiga de pândegas; dodivanas; boémio.

FONTES

Copiador geral de correspondência expedida. 1942-1944. Acessível no Arquivo Municipal de Santiago do Cacém. PT/AMSC/AL/CMSC/G-A/001.

Correspondência com o Governo Civil. 1942-1946. Acessível no Arquivo Municipal de Santiago do Cacém. PT/AMSC/AL/CMSC/G-A/003-001

Actas das reuniões de câmara [Manuscrito]. 1941-1945, 1952-1954, 1961-1962, 1968-1969, 1974. Acessível no Arquivo Municipal de Santiago do Cacém. PT/AMSC/AL/CMSC/B-C/002

BIBLIOGRAFIA

GALOPE, Francisco – *Reocupação do Norte. Visão História – Angola 1961, O Começo da Guerra Colonial*. Dir. Cláudia Lobo. Paço de Arcos: Medipress – Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. N.º 12 (Junho 2011), pp. 69-75.

GOMES, Paulo Alexandre Parreira do Nascimento – *Ermidas-Sado: História de uma Povoação Contemporânea*. [s/l]: Junta de Freguesia de Ermidas-Sado, 2000.

MARTINS, Luís Almeida – *Portugal, Salazar e a Guerra. Visão História – Portugal e a II Guerra Mundial*. Dir. Cláudia Lobo. Paço de Arcos: Medipress – Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. N.º 8 (Abril 2010), pp. 22-28.

MARTINS, Luís Almeida – *Para Angola em Força. Visão História – Angola 1961, O Começo da Guerra Colonial*. Dir. Cláudia Lobo. Paço de Arcos: Medipress – Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. N.º 12 (Junho 2011), pp. 46-51.

O chefe do Estado inaugurou hoje na presença de vários membros do Governo a nova barragem de Campilhas. Diário de Lisboa. Dir. Joaquim Manso. Lisboa: Renascença Gráfica. N.º 11.358, Ano 34º (18 de Julho 1954), pp. 1 e centrais.

REIS, António – *Portugal, de 1960 a 1973.* In **História do Século XX – 1960-1973, A Cultura da Juventude.** Dir. (Edição portuguesa) António Reis. Lisboa: Asa e Andromeda Oxford Ltd. Vol. 7 (1995), pp. 156-169.

RUELA, Rosa – *Luanda, O Virar da Página. Visão História – Angola 1961, O Começo da Guerra Colonial.* Dir. Cláudia Lobo. Paço de Arcos: Medipress – Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. N.º 12 (Junho 2011), pp. 62-65.

SILVA, Manuel João da – **Toponímia das Ruas de Santiago do Cacém.** Santiago do Cacém: Câmara Municipal, 1992.

TELO, António José – *Portugal, de 1939 a 1945.* In **História do Século XX – 1939-1945, A II Guerra Mundial.** Dir. (Edição portuguesa) António Reis. Lisboa: Asa e Andromeda Oxford Ltd. Vol. 5 (1995), pp. 174-187.

VIEIRA, Pedro – *E Quando a Paz Chegou. Visão História – Portugal e a II Guerra Mundial.* Dir. Cláudia Lobo. Paço de Arcos: Medipress – Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. N.º 8 (Abril 2010), pp. 85-87.

LEGISLAÇÃO

Diário do Governo, I Série, nº 83, de 24 de Abril de 1953.



MANUEL DA FONSECA

FICHA TÉCNICA

Coordenação, textos, pesquisa histórica, grafismo, digitalização e tratamento de imagem – Luísa Gomes, Gentil Cesário, Vânia Nobre, Fátima Braz e Maria Chainho.